

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	03	17	F60	10
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	ASCAXAR
MUNICÍPIO / UF	Dom Joaquim/MG

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Associação ASCAXAR
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão	☐ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 03 de junho de 2003
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____	

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10**

Sede da ASCAXAR – em construção. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015



Roça Coletiva. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015



Roça coletiva. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015



Abóbora na roça coletiva. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015



Transporte dos alimentos colhidos na roça coletiva. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015



Milharal na roça coletiva. Foto: Ana Tereza Faria. Janeiro/2015

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

Turma é como localmente chamam o *mutirão*, uma instituição social do quilombo ASCAXAR. A turma é empregada tradicionalmente nos trabalhos relacionados à roça, se estendendo também a qualquer outra modalidade de trabalho coletivo. Para as atividades na lavoura, como plantação, capina ou colheita, a *turma* se baseia no sistema de *troca de dia*. Por exemplo, se um agricultor precisa do coletivo durante dez dias em sua roça, ele, em contrapartida, dedicará o mesmo período da sua própria mão de obra nas plantações do restante do grupo. Com esse sistema, o agricultor deixa de depender da contratação de terceiros e fortalece a reciprocidade e a agricultura familiar, promovendo sua continuidade. A organização comunitária, união e solidariedade são alicerces do *mutirão*.

A associação comunitária ASCAXAR tem origem em um processo de institucionalização da *turma*. Aproximadamente entre os anos 2002 e 2005 alguns moradores de Cachoeira e Ribeirão plantavam no sistema de parceria (*na meia* ou *na terça*) na propriedade de Lúcio Thomaz, que por volta do ano 2000 havia recebido como herança a região conhecida como Xambá (O Sítio Xambá é parte da antiga fazenda Cachoeira. Em 1946, foi vendida por Chico Maia - proprietário da fazenda durante o fim do período oficial de escravidão - a José de Figueiredo Sobrinho, pai de Lúcio Thomaz. A família de José de Figueiredo era também dona de outra fazenda na região.).

Frequentemente, os quilombolas trabalhavam nessas terras organizados em *turma*. Observando a união, reciprocidade e organização nos *mutirões*, Neuza Pires, esposa de Lúcio Thomaz, sugeriu a formalização do grupo, explicando que legalmente constituído teriam acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar (como realmente aconteceu). Assim, em 03 de junho de 2003, na região Cachoeira de Baixo, na casa de Antônio Belarmino e sua esposa Maria Aparecida de Jesus Fátima (lideranças locais), com aproximadamente 23 presentes, incluindo o casal de Xambá, fundou-se a Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR). Nelza e Lúcio são filiados da associação, mas por volta de 2005 venderam o sítio e se mudaram para a sede municipal. Apesar da desfiliação do casal, "Xambá" permanece no nome da associação.

No sentido de equilibrar a representatividade dos dois núcleos quilombolas na estrutura administrativa da associação, os cargos de presidente e vice são sempre preenchidos por um morador de Ribeirão e outro de Cachoeira. O mesmo padrão segue para os titulares e suplentes do conselho fiscal. A atual presidente é Adriana (de Cachoeira) e o vice, Geraldo (de Ribeirão). Cada associado contribui com R\$ 2,00 a cada reunião ordinária, bimestralmente. A arrecadação é destinada à quitação dos impostos anuais devidos ao Governo Federal.

Quando a *turma* foi oficializada, os membros da ASCAXAR se restringiam àqueles agricultores frequentes nos *mutirões*, nesta época em torno de 25, além do casal de Xambá. De todo modo, alguns integrantes da *turma*, receosos da formalização não se associaram, mas permaneceram trabalhando com o coletivo. Ao longo dos anos, novos componentes foram incorporados à associação, que hoje conta com 50 (?) sócios. De todo modo não são todos que integram a *turma*. Ao passar do tempo, o grupo engajado na *turma* incorporou poucos novatos ao longo dos anos e perdeu antigos integrantes, uns por que se mudaram e outros por motivo de morte. Atualmente, o *mutirão* conta com dez participantes resistindo nesse processo de ajuda mútua.

Participam da associação habitantes de Cachoeira de Baixo, Ribeirão de Trás e Ribeirão do Meio (mas não todos de cada um desses núcleos) e nenhum dos moradores de Cachoeira de Cima. Destaca-se que todos os associados são quilombolas, mas nem todos os quilombolas integram a ASCAXAR.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A roça coletiva é aplicada na fazenda de Hailê Nunes em um sistema de terça (quando 1/3 da colheita pertence ao dono da terra). O pomar coletivo concentra-se em uma área doada por um quilombola (Ernestino Carneiro dos Santos, Suterio) à associação. A sede da associação foi construída em um terreno doado em 22 de julho de 2013 pelo quilombola Suterio (Ernestino carneiro dos Santos), uma área de 12 x 30 metros.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Roça coletiva, pomar coletivo e sede da ASCAXAR.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

MG

01

03

17

F60

10

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Na roça coletiva trabalham 12 membros da associação, sendo oito mulheres e quatro homens. O pomar coletivo. Com o êxito da roça coletiva, ainda em 2016 a área plantada será ampliada e quatro associados se integrarão ao projeto. No pomar coletivo plantaram 120 mudas disponibilizadas pelo o programa minas sem fome do Governo de Estado. A sede da associação é o local de reunião dos associados. Todos os sábados, uma turma de associados se reúne para a construção da sede. Os materiais foram doados pelos sócios, sendo as doações proporcionais à renda média de cada um. Como projeto futuro, o grupo planeja adquirir um lote confrontante ao atual e transformar o espaço em um lugar de visitação para turistas, equipado com estruturas arquitetadas conforme as técnicas dos antigos, como gangorra de bambu ou embaúba, balanço de cipó Santana, forno de quitanda e fogão à lenha. O projeto prevê ainda quartos para a recepção de hóspedes, também construídos segundo as técnicas tradicionais, além de uma churrasqueira e palco para apresentações artísticas.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

Anual

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990

1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

N.A.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

A associação comunitária ASCAXAR tem origem em um processo de institucionalização da *turma*. Aproximadamente entre os anos 2002 e 2005 alguns moradores de Cachoeira e Ribeirão plantavam no sistema de parceria (na meia ou na terça) na propriedade de Lúcio Thomaz, que por volta do ano 2000 havia recebido como herança a região conhecida como Xambá (O Sítio Xambá é parte da antiga fazenda Cachoeira. Em 1946, foi vendida por Chico Maia - proprietário da fazenda durante o fim do período oficial de escravidão - a José de Figueiredo Sobrinho, pai de Lúcio Thomaz. A família de José de Figueiredo era também dona de outra fazenda na região.).

Frequentemente, os quilombolas trabalhavam nessas terras organizados em turma. Observando a união, reciprocidade e organização nos mutirões, Neuza Pires, esposa de Lúcio Thomaz, sugeriu a formalização do grupo, explicando que legalmente constituído teriam acesso a políticas públicas voltadas à agricultura familiar (como realmente aconteceu). Assim, em 03 de junho de 2003, na região Cachoeira de Baixo, na casa de Antônio Belarmino e sua esposa Maria Aparecida de Jesus Fátima (lideranças locais), com aproximadamente 23 presentes, incluindo o casal de Xambá, fundou-se a Associação Comunitária Rural Cachoeira, Xambá e Ribeirão (ASCAXAR). Nelza e Lúcio são filiados da associação, mas por volta de 2005 venderam o sítio e se mudaram para a sede municipal. Apesar da desfiliação do casal, "Xambá" permanece no nome da associação.

Quando a turma foi oficializada, os membros da ASCAXAR se restringiam àqueles agricultores frequentes nos mutirões, nesta época em torno de 25, além do casal de Xambá. De todo modo, alguns integrantes da turma, receosos da formalização não se associaram, mas permaneceram trabalhando com o coletivo. Ao longo dos anos, novos componentes foram incorporados à associação, que hoje conta com 50 (?) sócios. De todo modo não são todos que integram a turma. Ao passar do tempo, o grupo engajado na turma incorporou poucos novatos ao longo dos anos e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10**

perdeu antigos integrantes, uns por que se mudaram e outros por motivo de morte. Atualmente, o mutirão conta com dez participantes resistindo nesse processo de ajuda mútua.

Participam da associação habitantes de Cachoeira de Baixo, Ribeirão de Trás e Ribeirão do Meio (mas não todos de cada um desses núcleos) e nenhum dos moradores de Cachoeira de Cima. Destaca-se que todos os associados são quilombolas, mas nem todos os quilombolas integram a ASCAXAR.

O primeiro benefício conquistado após a formalização da turma foi através do Programa Minas Sem Fome, um projeto do Estado executado pela EMATER-MG e direcionado a agricultores familiares organizados em entidades comunitárias legalmente constituídas e com projetos de interesse coletivos. Aproximadamente em 2006, por meio deste programa, a associação recebeu insumos para desenvolvimento de uma roça e um pomar coletivos. Para implementação da roça, assinaram um contrato de parceria entre a ASCAXAR e um fazendeiro (Hailê Nunes), em um sistema de terça (quando 1/3 da colheita pertence ao dono da terra). O projeto integra 12 membros da associação, sendo oito mulheres e quatro homens. O pomar coletivo, outro projeto da ASCAXAR, concentra-se em uma área doada por um quilombola (Ernestino Carneiro dos Santos, o Sutero) à associação. Para o pomar, o Programa Minas Sem Fome disponibilizou 120 mudas. Com o êxito da roça coletiva, ainda em 2015 a área plantada será ampliada e quatro associados se integrarão ao projeto. Maria Aparecida da Conceição Fátima, liderança local, percebe uma disposição entre os associados de ingressarem ao projeto da roça coletiva a cada ampliação do terreno plantado.

A associação já recebeu mais de 15 cursos relacionados à produção agrícola e outras técnicas ligadas ao meio rural, sendo o primeiro em 2004, ano seguinte a fundação da ASCAXAR. Alguns dos cursos foram: lavoura de milho, fruticultura, horticultura, criação de galinha caipira, apicultura, plantio de eucalipto e artesanato. Entre esses, os quilombolas destacam o plantio de milho e de hortaliças, por serem as práticas agrícolas mais frequentes na comunidade. O tema eucalipto também se sobressaiu, pois ao término das aulas os cursistas foram contratados para trabalhar em um eucaliptal. Outro curso em evidência foi o de artesanato, o qual incentivou a formação do grupo “Cachoeira e Artes” (Cf. Anexo XX, nº XX). Em geral são disponibilizadas entre 12 a 15 vagas, as quais, em geral, são todas preenchidas e muitas vezes insuficientes. As atividades ligadas às práticas agrícolas acontecem no local da plantação.

Além dos programas do Governo Federal, estarems formalizado em uma pessoa jurídica favorece ainda retornos positivos às solicitações na prefeitura. Em nome da ASCAXAR conseguiram o empréstimo - um dia ao ano - de um caminhão da prefeitura para transporte do esterco necessário à roça de milho e também a iluminação no campinho ao lado da associação, entre outros benefícios.

Em 22 de julho de 2013, o quilombola Sutero (Ernestino Carneiro dos Santos) doou uma área de 12 X 30 metros para sediar a ASCAXAR. Desde então (?), aos sábados, uma *turma* de associados se reúne para a construção da sede. Os materiais foram doados pelos sócios, sendo as doações proporcionais à renda média de cada um. Como projeto futuro, o grupo planeja adquirir um lote confrontante ao atual e transformar o espaço em um lugar de visitação para turistas, equipado com estruturas arquitetadas conforme as técnicas dos antigos, como gangorra de bambu ou embaúba, balanço de cipó Santana, forno de quitanda e fogão à lenha. O projeto prevê ainda quartos para a recepção de hóspedes, também construídos segundo as técnicas tradicionais, além de uma churrasqueira e palco para apresentações artísticas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10****9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES**

Os cursos de capacitação oferecidos pela EMATER contribuíram para transformações significativas no sistema produtivo local. A partir das orientações dos agrônomos, algumas das técnicas tradicionalmente aplicadas pelos quilombolas foram substituídas – por parte dos quilombolas - por outras pautadas em uma racionalidade científica e que cooperaram para o aumento da produtividade na comunidade. Vale destacar que, se hoje revisto, o conhecimento agrícola dos antigos, orientado pelo saber empírico, era apropriado ao contexto vivido pelas gerações passadas. Por exemplo, a técnica de coivara (queima das áreas de roça) era fundamentada na rotatividade das áreas cultivadas, funcional em um contexto onde havia grandes extensões de terras disponíveis. Ao longo dos anos, parte expressiva desses espaços foi suprimida por pastos e algumas plantações de eucaliptos, tornando insustentável a continuidade da rotação dos espaços de plantio. A seguir, descrevemos as técnicas tradicionais de cultivo aplicadas pelos quilombolas de Cachoeira e Ribeirão e as transformações promovidas a partir da assessoria da EMATER recebida após a fundação da ASCAXAR.

A coivara e a rotatividade dos espaços de lavoura são técnicas de enriquecimento nutritivo do solo. As áreas de plantio eram abandonadas temporariamente para que os elementos nutritivos do solo se reconstituíssem de forma natural. Já a técnica de coivara - a queima dos troncos, dos galhos e de outros restos vegetais - aduba a partir das cinzas, além de limpar o terreno e contribuir para controle de pragas. O uso de adubos e fertilizantes industriais não reproduz costumes da comunidade, mas é uma prática frequente nos últimos anos, em especial pelos idosos em função do maior poder aquisitivo proporcionado pela aposentadoria. Os técnicos da EMATER orientam a adubagem do solo com esterco e os vegetais retirados do solo (sem a queimada), além do uso de urina de vaca, que funciona como fertilizante para folhas e como repelente de insetos.

Em relação à colheita, os antigos ensinam aguardar a colheita do feijão, para só em julho ou princípio de agosto coletar o milho. Já os agrônomos da EMATER ensinam que as espigas estão prontas para a colheita quando o milho está “secando o cabelo”, no mês de março. Ou seja, quando eram colhidos em julho/agosto, após ao feijão, as espigas permaneciam maduras no pé por quatro meses, com isso, quando colhidas, muitas estavam *encarunchadas*. Hoje, o feijão permanece semeado em março e na mesma roça do milho, mas apenas após a colheita desse último. O milho, agora, é apanhado saudável e mantém-se no paiol por um período maior de tempo. Em relação ao grão de milho semeado, antes compravam na Secretaria Municipal de Agricultura. Agora plantam os próprios grãos colhidos.

Outra alteração nos moldes locais de cultivo se refere ao plantio da mandioca. Antes plantavam entre três a quatro manivas grandes em uma única cova, com espaçamentos de 15 cm entre elas. Aprenderam que para uma maior produtividade devem plantar apenas duas manivas, e menores, em cada buraco, com distância de 50 cm entre elas. A profundidade da cova também mudou, agora mais rasa.

As novas técnicas foram incorporadas pelos integrantes das oficinas da EMATER, mas não exclusivamente. Aqueles que não participaram dos cursos demonstram resistência às novidades, mas alguns, observando o desenvolvimento das roças dos vizinhos, reconsideraram alguns dos novos métodos. Assim, hoje, por exemplo, com poucas exceções, a maioria da comunidade semeia os grãos de milho colhidos na safra anterior. De todo modo, nem sempre a mudança é possível. O uso do esterco como adubo, por exemplo, requer um meio de transporte com capacidade de armazenar grandes volumes e a prefeitura disponibiliza o caminhão apenas para o uso da associação. Nesse sentido, até mesmo os quilombolas cursistas, com exceções, mantêm em suas roças particulares a queima dos restos vegetais ou a aplicação do adubo industrial.

A abóbora sempre foi cultivada na comunidade, mas em poucas unidades, plantadas entre os pés de milho. A partir de um curso da EMATER, o cultivo de abóbora japonesa foi introduzido na roça coletiva da associação. Apenas uma família se propôs a uma roça individual, a família de Aparecida. Em 2014, ela e seus filhos colheram 3000 quilos do fruto, mas perderam 700 quilos porque não encontraram compradores.

O cultivo do arroz é uma prática em processo de extinção na comunidade. São poucos os lavradores que mantêm seus arrozais e, como antes, apenas para consumo. Nenhuma alteração no modo de plantio deste cereal foi introduzida e, portanto, permanecem as técnicas dos antigos. O arroz vermelho planta-se no brejo, em setembro, e o arroz branco em área seca, em novembro. Para cultivar o arroz vermelho – portanto no brejo – é comum o uso da técnica “porco na corda”, quando amarram um porco em uma corda atada em um pedaço de pau firmemente fixado no solo. O porco alimenta-se da vegetação em seu entorno, engordando o animal e limpando o espaço de roça. O formato da roça será circular e seu raio igual ao comprimento da corda. Economiza-se alimento para o porco e poupa-se ao lavrador o trabalho de roçar da área.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MG	01	03	17	F60	10
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

9.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
03 de junho de 2003	FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
2004	Primeiro curso recebido pela associação – curso ligado a produção agrícola
Por volta de 2006	Criação da roça coletiva
Por volta de 2006	Criação do pomar coletivo
22 de julho de 2013	O quilombola Suter (Ernestino Carneiro dos Santos) doa uma área de 12 X 30 metros para sediar a ASCAXAR.
06 a 08 de Novembro de 2015	Participação no Canjerê - 1º Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais, na Funarte MG, em Belo Horizonte (MG). Neste evento, os quilombolas da ASCAXAR comercializaram produtos feitos na comunidade.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Os principais produtos são o milho, o feijão, a mandioca e a abóbora. Em 2014, os quilombolas colheram a maior safra de grãos (milho e feijão) do município de Dom Joaquim. A abóbora sempre foi cultivada na comunidade, mas em poucas unidades, plantadas entre os pés de milho. A partir de um curso da EMATER, o cultivo de abóbora japonesa foi introduzido na roça coletiva da associação. Uma família também se propôs a uma roça individual, a família de Aparecida. Em 2014, ela e seus filhos colheram 3000 quilos do fruto, mas perderam 700 quilos porque não encontraram compradores.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Gerenciamento da associação	Gerenciamento da associação
Roçar	“Roçar” é o primeiro procedimento para o preparo da área de plantio, significa extrair a vegetação nativa do lugar destinado à lavoura. Os quilombolas roçam manualmente a terra, com auxílio de foice e de enxada. Os galhos e matos antes queimados, agora são aproveitados seguindo novos métodos: podem ser tratados manualmente ou com o auxílio de um trator <i>girico</i> - que facilita o trabalho do agricultor, mas é opcional. Na primeira alternativa, o lavrador recolhe os restos vegetais e os reserva em um canto para lentamente putrefazer-se e no ano seguinte ser misturado com a terra. Já o <i>girico</i> quebra a vegetação em pequenos pedaços que podem permanecer no solo. O uso desse trator é recomendado apenas para o primeiro ano, quando o trabalho de limpeza da área é mais pesado. O Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural disponibiliza um <i>girico</i> - e outras máquinas - para uso dos agricultores familiares de Dom Joaquim, mas como atende a todo o município, algumas vezes não está livre. Quando o <i>girico</i> da prefeitura encontra-se inacessível, alguns quilombolas alugam um particular. Parte dos equipamentos disponibilizados pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural foram doados pela empresa Anglo American em contrapartida à instalação do seu empreendimento minerário no município.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		MG	01	03	17	F60	10
--	--	----	----	----	----	-----	----

Plantar	Milho e feijão, conforme os ensinamentos tradicionais, são plantados em uma mesma roça, leirados (em linhas paralelas) ou aleatoriamente. Nesse sistema, em outubro plantam-se os grãos de milho, no mês de fevereiro capina-se entre os pés e em março semeiam-se os feijões. Em relação ao plantio da mandioca, antes plantavam entre três a quatro manivas grandes em uma única cova, com espaçamentos de 15 cm entre elas. Aprenderam que para uma maior produtividade devem plantar apenas duas manivas, e menores, em cada buraco, com distância de 50 cm entre elas. A profundidade da cova também mudou, agora mais rasas.
Adubar	Para adubar a roça com esterco demanda-se uma extensa quantidade (um caminhão de esterco equivale a um saco de adubo industrial). A partir de uma solicitação da ASCAXAR, há seis anos a prefeitura disponibiliza - um dia ao ano - um caminhão para o transporte do adubo até a roça coletiva. São precisos seis associados para coletar e ensacar o estrume de vaca - solicitado a fazendeiros - e outros seis para carregar e descarregar o caminhão. O esterco é distribuído em uma área de três hectares, onde plantam o milho.
Capinar	Os meses de novembro e dezembro, seja no sistema antigo ou no atual, é época de capinar a roça, ou seja, retirar matos e ervas daninha do solo e juntar terra em volta do caule de cada pé de milho. Por tradição, no último dia da capina a <i>turma</i> prepara melado com queijo e cachaça para festejar o fim do período de capina, um momento de congraçamento entre os integrantes do mutirão. Ao longo do calendário agrícola, a época da capina é a fase mais desgastante aos lavradores.
Colheita	Em relação à colheita, os antigos ensinam aguardar a colheita do feijão, para só em julho ou princípio de agosto coletar o milho. Já os agrônomos da EMATER ensinam que as espigas estão prontas para a colheita quando o milho está “secando o cabelo”, no mês de março. Ou seja, quando eram colhidos em julho/agosto, após ao feijão, as espigas permaneciam maduras no pé por quatro meses, com isso, quando colhidas, muitas estavam encarunchadas. Hoje, o feijão permanece semeado em março e na mesma roça do milho, mas apenas após a colheita desse último. O milho, agora, é apanhado saudável e mantém-se no paiol por um período maior de tempo. Em relação ao grão de milho semeado, antes compravam na Secretaria Municipal de Agricultura. Agora plantam os próprios grãos colhidos.
Transporte	A atual e a ex-presidente da ASCAXAR (filha e mãe, respectivamente) se responsabilizam pelo transporte da produção entre a comunidade e as escolas, sem qualquer custo aos associados, inclusive de combustível: “ <i>se a gente for cobrar o trabalho num sobra quase nada [aos produtores]. (...) às vezes uma pessoa me entrega dez pés de alface. Dez pés de alface é 15 reais. E como eu vou tirar cinco reais deles? (...) ele não vai ter mais animação de plantar mais roça, multiplicar as suas coisas. Então, dentro do limite que agente pode tá apoiando, agente apóia pra pode incentivar eles a plantar</i> ” (Maria Aparecida da Conceição e Fátima, ex-presidente da ASCAXAR).
Vender	Os associados vendem a produção para escolas em escolas de Dom Joaquim e Alvorada de Minas. São comercializados não apenas a produção da roça coletiva, mas também das roças e hortas particulares dos associados. O valor arrecadado é dividido entre os lavradores proporcionalmente aos alimentos produzidos por cada um. Caso a demanda ultrapasse a produção dos associados, os produtos podem ser completados com a colheita de outros quilombolas. As escolas adquirem alimentos de pessoas físicas e jurídicas, com preferência à agricultora familiar, como é o caso da comunidade quilombola. Como as regras e procedimentos para cadastro de pessoa jurídica são mais rigorosos em relação às exigências para as pessoas físicas, a ASCAXAR optou por cadastrar alguns membros, todavia repassando às escolas a produção de todos. A parceria com as escolas somente se torna viável após a assistência técnica recebida da EMATER, por meio dos programas do Governo Federal, quando então a comunidade aumentou sua produtividade e se enquadrou aos critérios de qualidade determinados pelas escolas. Antes do acesso aos programas governamentais de assistência técnica e extensão rural, a produção agrícola da comunidade se restringia à subsistência, com raros excedentes para a venda.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Associados	Participar de todas as etapas do processo produtivo e participar das reuniões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MG	01	03	17	F60	10
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Corpo administrativo da associação	Gestão da associação
------------------------------------	----------------------

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cada associado contribui com R\$ 2,00 a cada reunião ordinária, bimestralmente.
QUEM PROVÊ	Associados
FUNÇÃO	A arrecadação é destinada à quitação dos impostos anuais devidos ao Governo Federal.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Insumos
QUEM PROVÊ	O primeiro benefício conquistado após a formalização da turma foi através do programa minas sem fome, um projeto do estado executado pela EMATER-MG e direcionado a agricultores familiares organizados em entidades comunitárias legalmente constituídas e com projetos de interesse coletivos. Aproximadamente em 2006, por meio deste programa, a associação recebeu insumos para desenvolvimento de uma roça e um pomar coletivos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os insumos são as sementes e mudas
DISPONIBILIDADE	--

MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Enxada e foice
QUEM PROVÊ	Propriedade de cada um dos membros da associação
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tratamento da terra e plantio
DISPONIBILIDADE	Propriedade de cada um dos membros da associação

MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Girico
QUEM PROVÊ	Prefeitura Municipal de Dom Joaquim (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Roçar a terra.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MG	01	03	17	F60	10
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

DISPONIBILIDADE	O Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural disponibiliza um <i>girico</i> - e outras máquinas - para uso dos agricultores familiares de Dom Joaquim , mas como atende a todo o município, algumas vezes não está livre. Quando o <i>girico</i> da prefeitura encontra-se inacessível, alguns quilombolas alugam um particular. Parte dos equipamentos disponibilizados pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural foram doados pela Anglo American em contrapartida à instalação do seu empreendimento minerário no município.
------------------------	---

MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Caminhão
QUEM PROVÊ	Prefeitura Municipal de Dom Joaquim (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Para adubar a roça com esterco demanda-se uma extensa quantidade (um caminhão de esterco equivale a um saco de adubo industrial). A partir de uma solicitação da ASCAXAR, há seis anos a prefeitura disponibiliza - um dia ao ano - um caminhão para o transporte do adubo até a roça coletiva. São precisos seis associados para coletar e ensacar o estrume de vaca - solicitado a fazendeiros - e outros seis para carregar e descarregar o caminhão. O esterco é distribuído em uma área de três hectares, onde plantam o milho. É importante destacar que as propriedades nutritivas do estrume de vaca eram conhecidas pelos antigos, que, entretanto, tinham acesso exclusivamente a cargueiros e carros de boi, dificultando ou inviabilizando o uso desse recurso.
DISPONIBILIDADE	

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Os meses de novembro e dezembro é época de capinar a roça, ou seja, retirar matos e ervas daninha do solo e ajuntar terra em volta do caule de cada pé de milho. Por tradição, no último dia da capina a turma prepara melado com queijo e cachaça para festejar o fim do período de capina, um momento de conagração entre os integrantes do mutirão. Ao longo do calendário agrícola, a época da capina é a fase mais desgastante aos lavradores.
QUEM PROVÊ	Associados
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Congraçamento

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	N.A.
QUEM PROVÊ	N.A.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	N.A.

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	N.A.
QUEM PROVÊ	N.A.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	N.A.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	MG	01	03	17	F60	10
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	N.A.
QUEM EXECUTA	N.A.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	N.A.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	N.A.
QUEM PROVÊ	N.A.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	N.A.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10****10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS**

DESCRIÇÃO	N.A.
QUEM PROVÊ	N.A.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	N.A.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
N.A.	
N.A.	

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

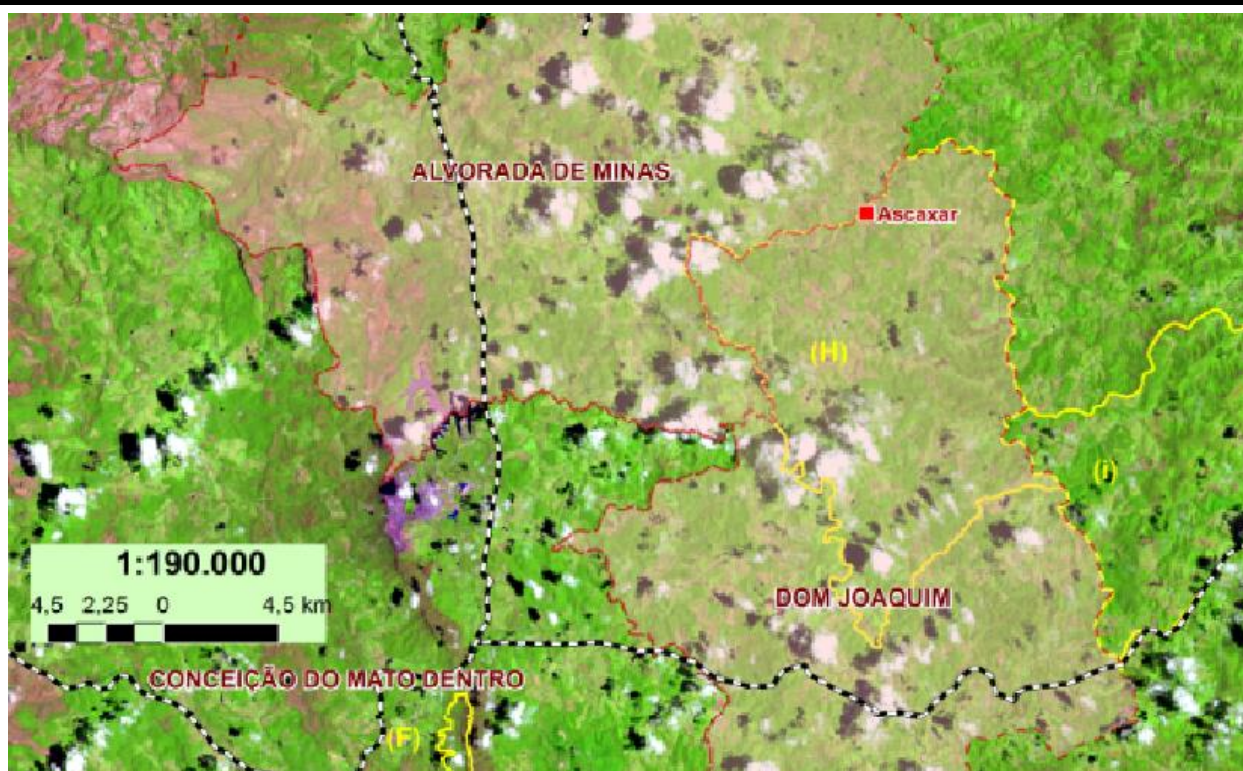
PARA USO PRÓPRIO ☐		VENDE ☒	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒				
MODOS DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☒				

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

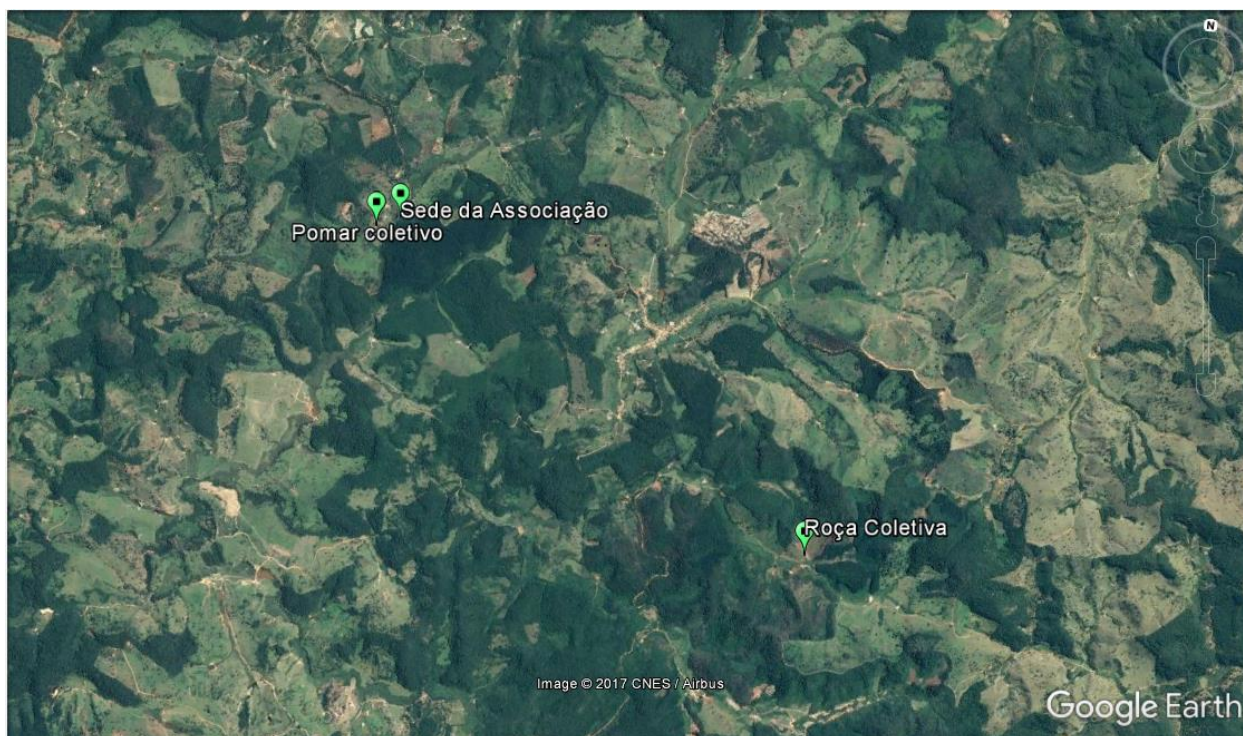
N.A.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Nenhum	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10****14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**

Localização de ASCAXAR (na divisa municipal entre Dom Joaquim e Alvorada de Minas. Mapa elaborado por Jaquelinhe Nascimento. Jan/2017



Locais de referência da Associação ASCAXAR. Imagem capturada do Gogle Earth em janeirotde 2017

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**MG****01****03****17****F60****10****15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Nenhum identificado

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Filmagens na roça coletiva – maio 2016

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Fotografias da roça coletiva e da associação

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não é necessário. Informações saturadas.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

N.A.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nenhuma

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Questionário de Identificação Ofícios e modos de fazer – Q 60		
PESQUISADOR(ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira	Data 04/07/2017	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio		